3 1761 06561597 3

BRIEF
DPB
0061882

LISBOA TRISTE

Officinas da Empreza Litt. e Typographica
Rua da Boavista, 321 — Porto — MCMXVII

Digitized by the Internet Archive
in 2010 with funding from
University of Toronto

http://www.archive.org/details/lisboatriste00igno

LISBOA TRISTE

IGNOTUS

LISBOA TRISTE

1916

TIP. DA EMPRÊSA LITERÁRIA E TIPOGRÁFICA
178 — Rua Elias Garcia — 184
PORTO

brief
DPB
0061882

Aos tristes de Lisboa

IGNOTUS

Não teem estas paginas pretensão litteraria.

Não foram estylisadas na belleza da fórma, não foram cuidadas nem revistas minuciosamente, para que possam pretender a mais do que a serem sentidas por quem as lêr, como sentidas foram por quem as escreveu.

Inspiradas no *Paris Secret* de Felix Pradel, que mostra um Paris que soffre e trabalha aos que só conhecem o Paris que ri e se diverte, assim tentamos mostrar tristezas de Lisboa aos que só lhe conhecem as alegrias.

São simples palavras estas que veem pedir aos felizes uma lagrima para os que soffrem, que pedem uma lembrança para os esquecidos, uma saudade para o passado!

Paginas desconhecidas que o «O Dia» tão gentilmente publicou, humildes e apagadas ficarão sempre, como desconhecido e ignorado ficará

O Ignotus.

OS PATEOS

Tanta miseria, tanta pobreza nos pateos de Lisboa! Dramas sentimentaes de costureirinhas pallidas que morrem de amor e tragedias brutaes de rufias bebedos que maltratam as mulheres, lares honestos de trabalhadores, onde as crianças enchem de risos e de luz a tristeza dos pateos!

Tantos pateos por essa Lisboa fóra, montões de casas apertadas, sem luz, e sem hygiene, nas ruas tristes do Bairro Alto, na rua de S. Bento e na rua dos Prazeres, ou no bairro movimentado de Alcantara!

Essa gente que se ajuda nos trabalhos, se defende uma á outra e se descompõe nas mais barbaras palavras, vive como uma grande familia, como um grande rancho de irmãos na miseria. Acompanha-se nas doenças e nas mortes, põe no prego os *trapinhos* para valer ao vizinho que não tem para a renda.

Quasi todos parecidos, os pateos, com um poço, um lavadouro, e as casitas baixas alegra-

das com os melindres, os manjaricos e as sardinheiras, em panellas velhas de ferro. Algumas casas, arranjadinhas e limpas, com o luxo de uma machina na casa de fóra, de uma commoda com pannos de crochet. Bolas de vidro verde nas jarras, e nas paredes caiadas algumas oleographias de côres vivas compradas na feira da Ladra. Oleographias de santos, da *edade do homem*, ou da cara apostolica do sr. Affonso Costa.

Sente-se, n'essas casitas limpas, que o dono tem uma mulher arranjada, que lhe cuida da casa e dos filhos. Virá da fabrica onde trabalhou todo o dia, cheio de cansaço, descansar para o seu ninho, gosando o bem estar que n'elle acha, e esquecendo em frente da sôpa quente que a mulher lhe traz, e no chilrear de passarinhos dos *petizes*, todo o trabalho, toda a amargura da sua vida de pobre!

Mas as pobres mulheres que trabalham fóra, que tempo terão para arranjar as suas casas?

Como será triste a chegada no fim d'um dia de canceira, ao desconforto do lar onde os pequenos ficaram sós todo o dia, encarregada a mais velha de embalar o berço do menino, de lhe dar as sopinhas de leite e a rolha de pão com assucar para elle não chorar pela mãe!

Os pateos são das mulheres e das crianças. Ellas é que os animam com as zangas, com os ralhos, com as cantigas, com os risos e com as lagrimas!

São ellas que respondem com palavrões ou com choros á figura tragica do procurador do senhorio, que de vez em quando lá apparece, quando é preciso pôr na rua algum morador que não paga.

São ellas que tratam das florsitas pobres que alegram o pateo, que o embandeiram todos os dias com as cordas de roupa estendida, que o cáiam, que o varrem, que o limpam e que o sujam...

Os homens não se vêem; todo o dia no trabalho, á noite em casa ou na taberna, quasi que não o habitam: só em dias de *grèves* e aos domingos, quando não sahem com a mulher, e a petizada a *gosar* até Cacilhas, ficam. Então, jogam as cartas á porta, entre vizinhos, em cima de um banco velho de cozinha, e ás vezes por noites quentes de verão, ao luar, desabafam n'uma guitarra ou n'um harmonium toda a tristeza, todo o sentimento, todas essas pequenissimas e delicadas coisas que todas as almas teem, e que quando se não dizem, por força se hão-de cantar!

Em noites de Santo Antonio ou S. João tudo brinca, tudo ri, o pateo esbrazeia-se todo ao clarão da fogueira, toma tons vermelhos infernaes com os phosphoros encarnados, tons suaves de luar com as *luzes electricas*, parece um sonho oriental na chuva d'oiro dos valverdes! As crianças abrem então muito os olhos, encantadas n'aquella visão de maravilhosas coisas que se desfazem!

Para fogo de vista ha sempre dinheiro, embora no dia seguinte se não coma. Que por uns momentos ao menos os olhos vejam as chuvas d'oiro, de brilhantes, de rubis, como se os thesouros das cavernas encantadas se abrissem, para os pobresinhos, para logo se fecharem na escuridão! Dansa-se e toca-se até de manhã, fazem-se sortes, dão-se manjaricos e nascem namoros...

Em noite de S. João começou n'um pateo um namoro triste de uma costureira loira, sentimental, que morreu de amor por um rufia chic, de camisa *tango*, fato claro de calça muito justa e côco ao lado na melena negra...

Elle primeiro vinha fallar-lhe á porta do tunel escuro da entrada. Depois deixou de vir. Ella esperava-o sempre por noites frias, e elle, entretido na Mouraria pelas tabernas, não vinha nunca.

A pequena de dia costurava no «atelier» abafado, cheio de gente, a respirar aquelle ar viciado de muitas boccas, enervada com as suas penas, com o seu trabalho, e o barulho irritante das machinas.

Ao chegar a casa perguntava se tinha carta, ou se elle tinha vindo, e quando a mãe lhe dizia que não, ficava muito triste a scismar e não tocava no comer.

Foi emmagrecendo, emmagrecendo, até que entysicou.

O pae tinha morrido tysico, a irmã tambem, e ella, coitadita, com aquella pena a roer-lhe o coração, seguiu o mesmo rumo.

Quando ella já se não levantava, e na cama de ferro do quartosinho pobre, muito limpo, alli estava deitada, muito magrinha, com as mãos transparentes sobre a dobra do lençol, alegrava-se ainda, e riam-se-lhe os olhos quando a mãe d'elle a vinha ver, uma velha alta, magra, estafada de trabalho e de desgostos, que lhe queria como filha.

Então ouvia-se a voz da velha dando conselhos, que o deixasse, que não se ralasse por causa d'elle, um *moina* que não lhe tinha dado senão ralações, que só queria dinheiro para a estroinice, e uma rapariguinha assim tão soce-

gada, com tão boas mãos, não havia de lhe faltar quem a quizesse...

E a doente chorava, tossia e ficava-se a scismar sem dizer nada, emquanto a mãe d'ella, que engommava para fóra, a esconder os olhos cheios de lagrimas, vinha á porta assoprar o ferro!

Morreu. A carreta negra lá veio buscar o corpinho leve, magrinho e consumido de penas, e os vizinhos e as vizinhas chorosas, vestidos de preto, lá deixaram no Alto de S. João a costureirinha loira que morreu d'amor por um rufia chic...

Quantos sahiram assim do pateo, na carreta negra, para descansarem na pobreza da terra dura, guardados pela cruz numerada! O pateo ficava todo o dia triste, a sentir a falta de quem partiu!

Mas como se alegrava o pateo, se animava com a alegria dos casamentos que d'ali sahiam, dos baptisados, que alvoroçavam toda a vizinhança!

Vinha a comadre muito bem vestida, com o menino ao collo, muito lavadinho, com o seu fato de chita e uma fita larga de setim na cintura (que uma vizinha que tinha boas coisas emprestava aos baptisados todos), e uma tou-

quinha com um fitilho côr de rosa emmoldurando a carinha vermelha, ainda sem feições. Á volta da egreja todos queriam beijar o *santinho*, e os vizinhos eram convidados com os padrinhos e a comadre, a um copinho de vinho fino, um pires d'arroz doce, uma fatia de pão de ló!

Agora poucos baptisados já sahem dos pateos.

As criancinhas, por ser mais barato, vão só ao registo, que é d'obrigação. Não se faz festa, não ha arroz doce, não se bebe á felicidade do menino. Para quê? já não é um anjinho que foi a abençoar. É um cidadão que foi a marcar...

. . . . . .

Esta grande familia da pobreza que se protege, se chora, se acompanha e se descompõe, n'um estranho e incomprehensivel sentimento, vê partir com a maior indifferença o vizinho com quem viveu, n'uma intimidade de irmão, logo que o sinistro procurador o intima a sahir por não pagar. Sabe que o vizinho que partiu arranjou casa mais barata n'algum outro pateo distante, n'alguma ilha lá para os Terremotos, Sete Moinhos ou Monsanto e, na mesma indifferença com que o viu partir, não procura vê-lo

mais nem saber d'elle, talvez no fatalismo oriental do que *tem que ser*, ou n'uma certeza que no outro mundo se encontrarão!

Lembrai-vos da pobre gente dos pateos que vos mostrei, familias ricas ou remediadas que vos juntais na meza alegre, cheia de flôres. Pensai que nos pateos ha criaturas que teem fome, crianças que nunca tiveram brinquedos, e quando vos chegarem ás mãos aquellas cartas em papel almaço azul, marcadas por tantas mãos sujas que por ellas passaram, que são ás vezes os pedidos dos moradores dos pateos, á Caridade, dai o pouco ou muito que puderdes, mas dai sempre, que mais vale dar a um mandrião que quer explorar do que não dar a um desgraçado que precise!

OS GUARDA-ROUPAS

Foi n'uma tarde quente, de primavera, ha muitos annos, na anciedade e excitação que os preparativos de uma récita punham em todos nós, que, n'um grande grupo de gente alegre, entrámos pela primeira vez na tristeza quasi tragica dos guarda-roupas!

O theatro de D. Maria dormia n'essa tarde quente, muito fechado, muito triste. Tinha aquella *lassitude* que as coisas tomam como se fossem gente, aquella tristeza inconfundivel que os theatros teem de dia, elles, que só para a noite foram feitos, e que lhes dá o ar amadornado dos morcegos quando nos dias de sol se collam ás traves das adegas para dormirem ao fresco.

O grupo alegre de rapazes e raparigas calou-se logo, sentindo instinctivamente que se devia calar, e foi em silencio que se atravessou o palco, onde os carpinteiros trabalhavam na mudança de um scenario, sem bulha, quasi como phantasmas ou como sombras no mesmo instincto de não acordar o theatro adormecido.

*

Subimos, subimos sempre, escadas em caracol como para o zimborio de uma torre. N'um mysterio, n'uma espera estranha de qualquer coisa de extraordinario. Lá em cima, n'uma enorme sala cheia de armarios, esperavam-nos para mostrar os fatos...

Como cadaveres decapitados, pendurados em cabides, appareceram fatos de velludo de duques da Renascença, fatos de *mignons*, de mangas golpeadas, casacas de seda de grandes abas, de marquezes de Versailles, casacas sobrias e elegantes do primeiro Imperio!

Abriu-se um armario, e appareceram vestidos de mulheres de todas as epocas, tão cheios ainda de todos os corpos que vestiram, que pareciam gente morta, pendurada, estrangulada, como se fosse aquella a casa de Barba-Azul e ali, n'aquelle armario, estivessem as mulheres que elle matou!

Todos esses fatos foram vestidos por actores, por actrizes conhecidas, fatos que todos nós reconhecemos ali por termos visto no theatro. Mas que differentes, vistos assim de dia, sem as luzes, sem o brilho, sem o fundo de illusão do scenario de lona, apparecendo os setins pobres e baratos, as rendas ordinarias, os velludos sem brilho e amassados, tão differentes dos que

vimos no theatro, em que a riqueza das luzes dava riqueza áquella pobreza toda, transformando as rendas pobres em rendas ricas, os setins em libertys caros, os velludos pobres d'algodão, em ricos velludos de Lyon! Illusão deliciosa que encanta os nossos olhos, feita da varinha de condão da phantasia, que transformou em sapatinhos de crystal os sapatos velhos da Cendrillon!

Mexeu-se em tudo, tiraram-se duzias de fatos entre risos e chilriada alegre de gente nova, vestiram-se as casacas de seda sobre os jaquetões, puzeram-se os espadins á cinta. Imaginámo-nos todos peraltas e sécias, contemporaneos de mademoiselle de La Ségliére, apanhando as cerejas brancas do jardim do amigo Fritz, á medida que os fatos d'essas peças as iam evocando...

E os fatos pareciam dar as *deixas*, evocar expressões, lembrar *silhouettes* gentis de actrizes, mascaras interessantes de actores, pareciam viver, animar-se com a vida que deixou n'elles os corpos que vestiram!

Escolheram-se alguns, os outros atiraram-se para ali a monte e ficaram todos misturados, esperando o cemiterio dos armarios, como se aquelle sopro que os animou se tivesse extinguido e ficassem para ali amarrotados como os

comparsas de *Guignol*, quando o espectaculo acaba e a mão que os animou se retira!

Desceu-se outra vez a escada de caracol, passou-se pelo palco onde, a um cantinho, emquanto os carpinteiros de blusa azul ageitavam as lonas floridas d'um scenario, os actores, rezavam os papeis d'uma peça nova. E sempre no mesmo mysterio, no mesmo silencio, n'uma tristeza desconhecida e estranha, o grupo alegre que visitou o guarda-roupa, de novo se achou no movimento e barulho do Rocio, á hora arroxeada do entardecer...

Tristeza quasi tragica dos guarda-roupas, quem a não conhece!

Quem haverá que não tenha subido em noite de Carnaval a escada do Cruz para envergar sobre a casaca, o *smoking* ou o jaquetão, dominó de seda preta com fitas cahidas no capuz, o convencional e classico dominó alugado que as mascaras, *das casas que recebem mascaras*, todas conhecem ha tantos annos! Esses dominós, guardados durante um anno nos armarios do Cruz, com o cheiro leve de bafio, e de perfume, que romances contariam se fallassem, se contassem aos *loups* de velludo preto as palavras que ouviram, as declarações, os namoros, as felicidades ou amarguras da vida, de que foram neces-

sarias testemunhas! Romances passados entre valsas, barulho, chiada, intrigas de mascaras em salas *chics* de gente conhecida, romances pobres e ordinarios de lagrimas depois dos risos, em bailes de mascaras dos theatros!

Quem não conhece aquelles guerreiros medievaes do Guarda-roupa Cruz, phantasmas do passado, guardiões ferozes dos *pierrots* sentimentaes e sonhadores, das lavradeiras do Minho de vistosas côres, das ciganas de sequins e colletes de velludo preto, das hespanholas de saias de setim encarnado, que ali estão em cabides á espera de um corpo que lhes dê vida e de uma alma que os anime!

Ali estão, os vestidos de seda antiga, de folhos e decote largo, das *parentas velhas* á espera dos *mitenes*, dos manteletes e dos bandós de cabello empoado, para seguirem para as luzes das salas em mesuras requebradas; ali estão as sedas Pompadours e os *paniers* dos vestidos Luiz XV á espera dos penteados altos, das *mouches*, das pulseirinhas de velludo preto para levantarem com dois dedos a saia de seda no passo vagaroso do *minuette*.

Ali estão varinas, saloios e ché-chés já de grande facalhão, á espera de uma voz avinhada que os faça correr no *arreda que te espéto!*

E esses fatos todos que mexeram, dançaram, na illusão da vida que lhes deu o Carnaval, em quarta-feira de cinzas, com os restos de perfumes, de confetti, de flores murchas pregadas ainda n'elles, voltam á tristeza dos guarda-roupas, a pensarem, a sonharem, fechados um anno inteiro no silencio dos armarios!

Tristeza dos guarda-roupas que mascaram a illusão, que escondem romances, risos e lagrimas!

OS GAROTOS

Pensava uma creança preoccupada com o destino que Deus daria *ás luas* depois de velhas, que Deus as cortaria decerto aos boccados para fazer mais estrellas...

Que destino dará Deus aos garotos quando crescem? O que fará Deus d'esse bando enorme de rapazitos, descalços, enfezados, pallidos, roxinhos de frio no Inverno, que se sentam nos eixos dos coupés emquanto não são denunciados pelo *«lá vae um»!*, que se veem ao espelho no polimento dos automoveis, que se esgueiram pelas lojas elegantes, pelos electricos, pelas egrejas como sombrasinhas famintas sem quasi se ouvirem os passinhos dos pés descalços, sempre com medo que *ralhem* e os ponham fóra!

Que homens fará Deus d'esses garotos de Lisboa, de todos os feitios, tamanhos e edades, desde os pequeninos de *zé* de malha na cabeça, até aos grandes de bonet sebento e *beata* atraz da orelha!

Esses garotos que vendem postaes, cautel-

las, jornaes, alfinetes e atacadores pelas ruas da Baixa, caras conhecidas, *gente* conhecida e *smart* entre os garotos, que os lisboetas que vão á Baixa veem de anno para anno crescer, sempre magrinhos e enfezados, de repente desapparecem e não se veem nunca mais; e novos garotos apparecem como um exercito que se renova, a substituir os que partiram!

Lisboa é d'elles. Conhecem-n'a toda.

Sabem as lojas boas onde fingem que os não veem entrar, as lojas más onde logo desde a porta correm com elles para não *incommodarem os freguezes*, as egrejas onde os sacristas não ralham. Physionomistas e psychologos, os garotos veem logo, entre tantas senhoras *chics* no Bénard, aquellas que darão um *lepes* ou um bolo e vão pelo faro como os cães, direitinhos a essas.

Á porta do Colyseu ou dos animatographos, n'um instincto, vão logo pedir a quem tem cara de dar o cobresito que falta para uma *giral!* A quem não compre o postal com o retrato do sr. D. Manuel, apresentam logo o retrato do sr. Bernardino Machado. E se veem hesitação na escolha, os garotos dos postaes, psychologos, e *portuguezes*, n'uma suprema tentação dizem logo:

— Ó freguez, fique com os dois!...

O freguez pára, hesita e leva... os dois!

O garoto bem sabia que *batia certo*, ou elle não fôsse garoto e... portuguez de agora!

E o garoto independente, que responde se lhe ralham, que deita a lingua de fóra a quem o despreza, que passa todo o dia com uma codea de pão e um carapau, que se veste de trapos que lhe dão e não gasta nada em calçado, feliz como os felizes com dez quentes e boas por um *guines*, felizes como os felizes, com um boccadito livre para uma partida de eixo, de *semana* ou de peão, conforme a epocha, quando á noite se accomoda para dormir em casa, se a tem, se não a tem *debaixo d'aquella arcada*, quando entrega á mãe o tostãosito que ganhou no dia, estava bem no seu direito, se fosse philosopho, de se achar bem superior a tanta d'essa *gente fina* que elle viu na Baixa, e de dizer para comsigo:

— *Sempre ha typos muito giros!*

Mas o garoto felizmente não pensa, em pensar, não faz commentarios, não se aprecia, vive *au jour le jour* de pensamentos, sem projectos de futuro. Não se imagina, fazendo um casamento rico, n'um automovel com outros garotos a abrirem-lhe a porta, que elle agora abre, nem nos theatros em logares bons, onde a gente se encosta.

Satisfaz as suas aspirações se vê passar

o *homem dos té-tés* e tem um *guines* para comprar um, se tem lá por festa dois *cochichos* para ir vêr os palhaços, se tem uma medida de amendoim na algibeira para ir roendo quando tem fome!

E demais tem tanta coisa inesperada para o divertir!

As caçadas aos gatos da rua a quem as velhas atiram tripas de peixe, as musicas que elle segue marchando, as senhoras á moda que elle troça, os casamentos, as festas a que elle vae sempre chamar os carros e abrir as portas!

Os garotos vão a tudo, sabem tudo, assistem a tudo, *por fora*. Como os nomes mais repetidos nos *carnets mondains* dos jornaes, os garotos que não teem nome, não faltam nunca a nada que seja *chic* e divertem-se quasi sempre mais do que aquelles que vão *por dentro* em Fiats ou Renaults já *blasés* e maçados de tudo!

Mas o supremo encanto e distracção dos garotos pequeninos são as egrejas!

Entram de vagarinho, sempre com medo que *ralhem* e se não está muita gente e podem chegar aos bancos e esgueirarem-se lá para dentro, estão salvos!

Sentam-se então, e ficam muito calados

com o bonet na mão, os olhos esgazeados para as luzes, para os paramentos do padre, a ouvirem o orgão n'um bem estar, n'um socego, que elles não sabem explicar!

E' Jesus Christo crucificado no Altar que está contente por terem deixado vir a Elle os pobresinhos e dá esses minutos de bem estar aos garotos enfezados e magrinhos, esses minutos de socego para que elles pensem n'Elle, emquanto Elle pensa n'elles...

Que destino dará Deus aos garotos quando crescem?

Irão aprender *officio*, irão para casas de correcção, irão barra fóra como vadios? Virão a ser soldados, trabalhadores ou artistas?

Ou... tão magrinhos, tão enfezados, tão cheios de fome e de frio, os garotos de Lisboa talvez não cheguem a crescer, e Deus que corta as *Luas depois de velhas* para fazer mais estrellas, leva os garotos pobresinhos para o Ceu, para fazer mais anjos!

CASAS DE PENHORES

Dramas que se adivinham tão profundamente tristes n'estas coisitas das creanças achadas nas casas de penhores!

Coisas mais ricas, relogios d'ouro, alfinetes e anneis de brilhantes que a estroinice por uns dias levou ao *prego*, ali ficam com as coisas pobres, e os livros enormes, *dossiers* da escripturação da miseria, abrem-se vezes sem conto ao dia, e as cautellas, com aquelles dizeres aterradores que marcam o findar dos prazos dos juros, lá passam para a mão dos miseraveis, a lembrar-lhes o grande cofre que se abre para tirar dinheiro, e as suas coisas tão estimadas que lá ficaram para sempre na casa de penhores!

Nas ruas do Bairro Alto, da Mouraria, e para os lados da Graça, quem não tem parado a vêr as montras das casas de penhores, quem não tem visto, olhando para dentro, n'aquella curiosidade que vem do desconhecido e da tristeza, as guitarras penduradas, os relogios, os oiros de gente pobre trazidos entre lagrimas!

A' noite, nas ruas tristes, lá está na escuridão a tentar a luz da montra, a lanterna em que se lê «Emprestimos sobre penhores», e as mulheres, com trouxas debaixo dos chales velhos, lá vão empenhar os brincos, o cordão que juntaram quando estiveram a servir, os anneis de ouro com pedras falsas, prendas dos namorados, o lenço de seda que ainda trouxeram da terra e tinham dobrado *pelos vincos*, o vestido preto de lã lavrada, para acudirem á renda da casa, á falta de trabalho do homem, e quando a miseria mais negra bate á porta, lá vão empenhar os cobertores, o relogio da casa de fóra, a machina de costura, para matar a fome aos filhos!

As cautellas vão-se juntando sempre na esperança, nunca realisada, de as irem pagando a pouco e pouco, e os penhores que ellas representam lá vão aos leilões, ás mãos de outros pobres!

Nas casas de penhores ha tudo. Tudo se empenha para matar a fome de um dia, por tudo se dá uns cobres ou uns tostões, regateando, mostrando bem, para desvalorizar, os buracos de traça dos fatos domingueiros, os amolgões e a leveza dos oiros, os riscos no polimento dos relogios, na ancia do commerciante que quer ganhar não se importando com a decepção dos des-

graçados, que lá deixam as suas coisas tão estimadas e levam por ellas a metade ou um terço do que esperavam!

Guitarras que gemeram o *choradinho* pela Mouraria, que deram a unica nota sentimental a tantas vidas, esperam nas casas de penhores outros donos que as façam chorar, outras mãos que lhes arranquem no triste soluçar das suas cordas, recordações de tantos corações que contra si as apertaram com penas de amor, e n'ellas desabafaram o que não sabiam dizer!

Relogios que marcaram horas de trabalho, de amargura, de desalento, alli esperam, incansaveis no seu bater monotono e indifferente, que outros donos os venham buscar, para outras vidas de trabalho, de amargura, de tristeza, irem dividir, desfiar, massacrar, no seu bater certo, inflexivel, sem piedade, lembrando sempre aos pobres que para elles não há descanso!

Argolas, cordões, anneis, alfinetes de oiro que uns enfeitaram, irão enfeitar outros, talvez noivas de vestidos de *voile* cinzento, peito de rolla, ou *beige;* noivos de jaquetões de panno preto e gravatas «plastrons» de seda branca! Quantos pares assim terão enfeitado as joias pobres das casas de penhores!

Machinas de costura onde tantas cabeças

de costureiras se inclinaram, que tantos pés fizeram girar na faina de coser, no acabar das camisas para as lojas, ali esperam outras donas que as façam girar, cantar na mesma febre de ganhar o pão, pobres costureiras que tantas vezes ellas matam de cansaço!

Moveis, cobertores, roupas, fatos, casacas, chapeus altos velhos, mantas, capotes, chales, as coisas mais grotescas, mais humildes e mais tristes!

Bonecas vestidas de setim que tão choradas foram com certeza pelas pequenas donas, copinhos de prata, amolgados ainda pelos dentinhos que os morderam das pobres creancinhas, que tão cedo viram lagrimas em casa e começaram a vida pela dôr, tudo alli fica contando dramas, nos *dossiers* de escripturação da miseria!

AS BRUXAS

Não vamos falar das bruxas classicas, desgrenhadas, escaveiradas, que, á meia noite, cavalgando paus de vassouras, percorrem as aldeias adormecidas...

Terriveis bruxas que chupam as creancinhas nos berços, e as deixam sequinhas ás portas das casas, quando passam a horas mortas para dançar nas clareiras dos pinhaes o «sabat» desenfreado com os lobis-homens que veem de percorrer sete adros em cumprimento do fadario.

D'essas heroinas dos contos da nossa infancia, quem haverá que d'ellas se não lembre?

Quem haverá que nunca sentisse um arrepio de medo á volta dos serões nas aldeias, julgando ouvir no murmurio do vento, nas ramagens, os assobios e as gargalhadas do bando desgrenhado que passa *a voar por cima de toda a folha!*

*

Quem haverá tambem que não tenha ouvido falar nunca ou que não tenha ido, por divertimento ou por curiosidade, consultar alguma vez as bruxas de Lisboa de que vamos falar!

Pobres e pacatas bruxas que nada se parecem com as outras que nos metteram medo! Nada teem de mysterioso. Não teem o scenario de bruxedos, com gatos pretos, morcegos e esqueletos. Não teem na lareira as chammas vindas do Inferno para fazerem ferver o grande panelão de cobre com as hervas milagrosas apanhadas á meia noite nos cemiterios, a boiarem no sangue vermelho chupado nas creanças por baptisar!!...

Estas pobres e simples bruxas vivem pacatamente nas suas casas, tratam do seu *ménage*, do marido e dos filhos.

Nos bairros retirados, onde quasi sempre móram, as suas casitas pobres brilham de arranjo e de asseio.

A casa de fóra, muito esfregada, com mobilia de palhinha, commoda de panno de *crochet* e *bonitos*, oratorio aberto e alumiado. Tem, ao meio, a mesa onde se estendem as cartas, e onde

as bruxas da Lisboa triste, tantas tristezas ouvem aos tristes de Lisboa!

O que ellas contam, o que ellas dizem, as receitas que ellas sabem para curar todo o mal!

Sabem a grande sciencia de curar o mal de inveja, queimando uma madeixa de cabello do invejoso ou dando um nó n'um lenço que lhe pertença. Sabem benzer com rezas e alecrim as casas onde entrou a desgraça, e, com umas palavras cabalisticas ditas no panno da chaminé, tornam invulneraveis a todo o mal as pessoas que n'ellas confiam.

Podem ainda affirmar aos apaixonados e incredulos que são amados, se nas cartas, divididas nos cinco montinhos das cinco chagas, a espadilha se mistura por tres vezes com o dois de copas!

Se alguem soffre de um ignorado mal, *mal de amor* ou *mal de inveja*, as bruxas tudo remedeiam, mostrando n'uma bacia cheia d'agua, ou em pó de café, a imagem nitida e clara de quem lhe quer bem e de quem lhe quer mal, aquietando as almas torturadas com a esperança de reaverem a felicidade perdida!

Rezam novenas, allumiam os santos que pelas cinco chagas as cartas são deitadas, sem maleficios e mysterios de magia negra. Quantas

vezes para bem terão mentido as Bruxas, para enchugarem as lagrimas dos que as consultam por mal de amor, affirmando-lhes que *Elle* só pensa n'*Ella* apesar das intrigas da *Dama de Espadas!*

OS POBRES

Triste rebanho da pobreza, que pelas ruas de Lisboa pede a quem passa, a esmola de Deus! Coxos, cegos, tysicos, aleijados, mães esqueleticas, mal podendo com o pezo dos filhitos enfezados! Ahi vae o grande rebanho, Lisboa em fóra, irritando a vista dos felizes com a miseria dos seus farrapos tristes, encostar-se ás esquinas das ruas, sentar-se nos degraus das igrejas, á hora da missa, até que a noute venha mais ainda trespassal-os de frio; lá estão os pobres, de mão estendida, repetindo mil vezes a mesma historia de miseria, a mesma cadencia irritante de melopeia, pedindo a quem passa, a esmola de Deus!

São figuras allucinantes de Goia, as velhas com as caras pergaminhadas pelos annos e pela fóme. São figuras tragicas de Ribera, os velhos palidos escáveirados de barbas desgrenhadas. São silhouettes doentias e estranhas de Lorrain, os tysicos palidos, que amarellecem como as folhas do outomno que os leva a Deus!

Os pobres de Lisboa arribam como os pas-

saros, aos sitios que mais lhes conveem. Cada bairro tem os seus pobres, e cada pessoa tem o seu pobre. Ha os pobres que são antipathicos, pedinchões, ha os resignados e os pacificos, ha os pobres *soignés*, os mais tristes de todos, que conservam na sua miseria uns restos de arranjo e de limpeza. Havia assim uma pobresinha cega, que todos os dias iam pôr na rua Larga de S. Roque. Alli ficava todo um dia de sol ou de nevoa — de frio ou de calor—murmurando sempre como n'uma reza nunca interrompida, as mesmas palavras de tristeza.

Tinha no seu vestuario limpinho e pobre, uns dolorosos restos de coquetterie feminina que nem a miseria, nem a desgraça, nem a velhice, conseguiram destruir, e appareciam ainda, na maneira de parecer bem, com que alizava o cabello branco, debaixo da pobre capota amarrotada por tantos annos de serviço, onde tremiam duas plumasitas, desfrizadas e velhas.

Que amargura n'aquella vida de quem nem sempre foi pobre! Que tristeza voltar á noute á mansarda onde a recolhiam por esmola, pensando que no dia seguinte teria um dia igual ao que passou, e que todos os que viessem seriam iguaes, sem nada que lhe confortasse e alegrasse a velhice miseravel!

Quando essa velhinha morreu, fiquei contente. Deixou de penar na rua, ao frio e á chuva, e Deus deu-lhe com certeza uma capota de fitas largas e plumas boas, e um vestido novo para que entrasse no paraizo, muito bem vestida! Com saudade me lembra ainda de outros dois pobres que morreram de frio no inverno duro.....

Era uma velha pergaminhada e cheia de rugas. Foi creada n'uma casa rica, casou, enviuvou, envelheceu. Tolheu-se de rheumatico, os filhos deixaram-a, e teve de andar á esmola. Morava n'um quarto mobilado no *estylo* de todas as casas dos pobres que teem casa. Uma enxerga, um alguidar, uma bilha e um fogareiro de barro. Conhecia toda a gente, sabia a vida de todos, e, nas missas de defunctos, quando á porta da igreja se juntava para a esmola, fazia comentarios sobre a gente que lá estava dentro, poupando apenas quem fosse do seu agrado. Só se enternecia e lhe passava o azedume, que a desgraçada vida lhe deixou, quando fallava na beleza e estimação da neta, uma costureirita, que ella orgulhosamente dizia, *azava chapeu*.

O outro era um velho philosopho. Foi cocheiro, moço de fretes, e depois de ter entrado com elle o rheumatico, pedia esmola.

Não queria ir para o asylo, e com a sua li-

berdade bohemia de comer uns restos que lhe davam nas tavernas, de dormir no albergue, e de poupar alguma coisa que lhe dessem para a pinguita que o animava, quasi se julgava feliz. Philosophava sobre a vida, e dizia rindo, escancarando a bocca sem dentes, que a melhor cousa que se levava cá d'este mundo, eram os copitos de bom vinho, que lhe faziam esquecer a desgraça.

Tão pouco satisfaz os pobresinhos, habituados a tão pouco! Vestem-se de novo com trapos velhos comprados na feira, comem o pão ressequido dos padeiros, as folhas velhas d'hortaliça dos lugares, e compram ás peixeiras os gorázes e carapaus moidos, que as *freguezas* regeitam!

Pensae nos pobres, felizes da sorte, quando vos enfastiarem os *tournèdos* e o *foie-gras*..... Quando vos tentar a compra de um vestido ou de um chapeu caro, hesitae e reparti com elles, emprestando assim a Deus, o grande Pastor do rebanho da pobreza, que estende sobre elles ,com amor, o grande manto azul da noute amiga, e que faz luzir os brilhantes das estrellas, como promessas de outra vida, onde os *pobres* serão os primeiros!

AS DOCAS

Em domingos bonitos de inverno, quando o ceu e o mar se juntam no mesmo azul da nossa terra querida, a gente de Lisboa, pobre e rica, sahe a gosar o dia de descanso pelo Campo Grande e Avenidas, pelos arredores das praias ou do campo.

Quantos lisboetas irão pelas docas, vêr os navios, naquella ancia pelo mar que existe em todas as almas da nossa raça, no fundo aventureiro de todo o portuguez!

A tentação do mar!

Foi essa tentação que nos levou ás conquistas do mundo nas caravellas orgulhosas e soberbas, sulcando os mares *nunca d'antes navegados;* é essa tentação que faz emigrar para além-mar a fina flôr dos rapazes dos nossos campos; é essa tentação que prende ás praias, na contemplação do mar, os pescadores da Nazareth, da Povoa, da Ericeira, em dias de tempestade, quando os barcos não podem sahir.

E essa tentação volta sempre á super-

ficie das almas mais burguezas e menos aventureiras, e as leva em domingos bonitos de inverno, ou em tardes quentes de verão, a passearem pelas docas, a interessarem-se pelos navios que chegaram ou vão partir, a olharem a estrada azul e movediça, ora serena, ora agitada, com uma inveja, com um desejo que não se exprime, vendo no mar a estrada azul que as levaria á *Terra Promettida* da liberdade e da riqueza!

São tão interessantes as docas e ha tanto que vêr ali! Tão estranha, tão curiosa é a sua população!

Homens tisnados pelo sol dos tropicos e pelo nosso sol, com a pelle trigueira endurecida pelo vento salgado do mar.

Vareiros musculosos e elegantes, descendentes dos phenicios aventureiros, sempre promptos a partirem para a aventura logo que o vento abrande, que o mar serene ou os barcos se descarreguem. Ribatejanos que véem Tejo acima, com os barcos carregados de loiro trigo da leziria fertil, com os melões doirados, com as melancias que se escancaram ao sol de verão, numa frescura de escumilha vermelha. Riquezas que pelas vallas emmaranhadas de nenuphares e de raizes, onde os barcos deslisam com um ruido doce de sedas amarrotadas, elles vieram

trazendo devagarinho, empurrando-os com a grande vara de salgueiro que os foi guiando até ao Tejo! Com que cuidado salvam esses thesouros que a terra deu, dos remoinhos de Villa Franca, das furias do rio em dias de mau tempo, para que os barcos com a vela vermelha tinta no barro da sua terra, arredondada e cheia pelo vento bom, venham abordar nas docas com as riquezas que os orgulham!

Lá véem dos Algarves os algarvios, trigueiros como os moiros seus avós, com os barcos carregados de peixe, de figos, de laranjas. Animam as docas as ovarinas faladoras e alegres, airosas como amphoras antigas. Tudo aquillo canta, se agita, mexe, trabalha, como um carreiro de formigas trabalhadôras, carregando ou descarregando os barcos, por entre aquella floresta de mastros com as velas enroladas, a destacarem-se na transparencia azul de um céu e de um mar da Grecia!

Sol doirado e que espalha reflexos luminosos sobre as cargas de fructas appetitosas, fazendo pela transparencia clara da luz, pela riqueza dos coloridos, que nos imaginemos num porto do Adriatico, entre mercadores do Oriente, esperando a cada instante vêr sahir dos barcos as musselinas e sedas das Indias, as

transparentes porcelanas dos paizes exoticos, os perfumes raros e preciosos que nas velhas naus tanta vez abordaram ao nosso porto!

Em barcos amarrados ás grandes argolas de ferro, vivem nas docas os que não teem casa e não se querem separar d'aquelle berço que os baloiça e acalenta sobre o mar, berço a quem tanto querem, que pelo grande milagre de Deus resiste ás ondas bravas, aos rochedos e aos vendavaes, como resistem as vidas tão frageis que a Elle se entregam. Nesses barquitos, lá está o fogareiro acceso com a panella de lata em cima, onde ferve a ceia ou o jantar, que ali mesmo, na amurada, é comida com os garfos de ferro e as grandes fatias de pão escuro. Os cãesitos indispensaveis a todos os barcos, amimados e queridos pelos marinheiros, esperam graves, impacientes, sentados na prôa, que os patrões acabem o banquete, para irem lamber os pratos de loiça ordinaria, onde sempre algum bom boccado é deixado para elles.

Aquella gente bôa e simples, que agradece as boas palavras e o agrado das boas falas, mostra os seus barcos, commovendo-se enternecidamente com os elogios que se lhes faz, como os paes se enternecem ouvindo elogiar os filhos, e quando as tempestades lh'os estragam, quebram

ou sómem pelo mar dentro, é com lágrimas que se despedem d'elles, aquelles que por elles foram emballados!

Quando, em noites de temporal, no confôrto da casa, sentirdes bater a chuva nas vidraças, pensae um pouco, felizes da sorte, nos milhares de creaturas que andam sobre o mar bravo e na noite escura, luctando com a morte, e rezae um Padre Nosso e uma Ave Maria, pelos que andam sem rumo sobre aguas do mar!

A PROCISSÃO DE SANTOS

Vinha ha dias annunciada n'um jornal a procissão das Senhoras no mosteiro de Santos. Lembrei, recordei, evocada por esse annuncio, o que era a procissão de Santos, ha muitos annos, a procissão das fidalgas, quando ainda Sua Magestade a Rainha Senhora D. Amelia, muito elegante com o seu vestido de veludo preto e a mantilha de rigor, acompanhava no passo lento da procissão o andor do Senhor dos Passos. Abria-se a portaria aos rapazes elegantes d'esse tempo quando a rainha entrava no mosteiro. Lá estavam todos os annos, n'essa penultima sexta-feira de quaresma, os mesmos *habitués* da portaria de Santos, esperando colher na passagem das elegantes devotas um sorriso, um olhar, atravez da mantilha de renda, seguindo-as com a vista, até que se perdessem no mysterio d'aquella grande porta, que, po umas horas, as separava do mundo. Que interessante pela tradição antiga e que cheia de encanto mys tico era aquella festa, só de senhoras das mais nobres de Portugal, que

n'essa tarde de quaresma se vestiam de preto, se toucavam de renda, e, de cabeças baixas, murmurando orações, levando nas mãos as vellas accesas da sua fé, acompanhavam penitentes a procissão de penitencia! Que delicioso quadro para tentar um pintor mystico e apaixonado pela côr e pelo rithmo da luz, pelo scenario e pelo sentimento, aquella procissão de Passos, n'uma tarde luminosa de Abril!

Atravez das arcarias do claustro, como uma nota de vida alegre a expandir-se no matagal da cêrca, as manchas côr de rosa das olaias em flor misturavam-se com as accacias brancas, e com os primeiros lilazes, que a primavera abria, para que a palida imagem do Senhor dos Passos, ao passar no seu andor cheio de violetas, lhe abençoasse as primeiras flores.

Interessantissimo contraste o do explendor d'essa vida exhuberante das flores abrindo-se na cêrca ao calor de um sol de Abril, com a triste procissão de penitencia, para remir peccados de tantas lindas penitentes, arrependidas e devotas.....

Via-se muito alto o andor roxo do Senhor dos Passos e o andor azul de Nossa Senhora das Dores.....

A Senhora Commendadeira, debaixo do

Pallio, levava o Santo Lenho, muito pallida, como uma santinha morta e ressuscitada, embrulhada no manto de gaze branca.

Em alas, com as lanternas na mão, com os mantos brancos como nuvens fluctuando ao vento, seguiam as commendadeiras de S. Thiago. N'outra ala, com os mantos de cachemira branca, pesados como mantos de templarios, seguiam as commendadeiras de Aviz.

Como uma onda vagarosa e ondulante, como uma fita negra constellada pelos brilhantes das luzes accesas, passava lentamente a procissão n'um murmurio triste de orações. Os Passos do Senhor, illuminados, marcavam as paragens, e, no silencio do claustro, ouviam-se as vozes entoarem os *motetos*.

Finda a procissão, apagadas as luzes, deixada a imagem do Senhor na sua capellinha doirada, cheia de flôres, o claustro animava-se, enchia-se do riso e da animação dos grupos de raparigas que o percorriam; o velho convento como que rejuvenescia com o alegre chilrear de gente nova que se espalhava, comprando sortes no bazar, lunchando no buffete, resando as ave Marias do estylo á milagrosa Senhora da Escada, que sorria indulgente ás orações das raparigas!

Até á noite, durava a animação no convento cheio de flôres, de luzes e de mulheres bonitas.

Pouco a pouco, pela grande porta de carvalho, mysteriosamente e como a medo aberta, iam sahindo outra vez para o mundo, as lindas devotas que por umas horas o deixaram, levando, como uma protecção e uma lembrança, algumas violetas do Senhor dos Passos, que iriam murchar no oratorio um anno inteiro á espera de outras flôres, como o convento sempre triste e fechado, tambem um anno esperava, para de novo se abrir e se animar!

OS ROMEIROS DO PASSADO

Os romeiros do passado não pertencem em geral á Lisboa alegre e animada que se diverte. Por isso, como tristes de Lisboa, ficam bem na Lisboa Triste os fidalgos, os sabios e os artistas que a comprehendem.

Vivem em casas antigas impregnadas de lendas e de tradições, onde parece que pairam invisiveis mas sensiveis as almas de todos aquelles que as habitaram. Rodeiam-se de moveis, de sedas, de «bibelots», em que possam remexer as cinzas do passado, frageis coisas inanimadas que contam no silencio, os mysterios que sabem, aos que as entendem.

Romeiros empoeirados pelo pó dos seculos, remando incansaveis contra o Tempo, vivendo de Hontem, desprezando Hoje, seguem eternamente pela vida fóra, perdidos n'um sonho de que não acordam!

Bem hajam esses, que procuram colleccionar as obras d'arte que o passado nos deixou, as tradições, as historias e as lendas, para nos darem

com tudo isso o esquecimento do presente que tão triste é!

Vamos agora em romaria, a algumas casas d'esses romeiros, pedir a esmola do esquecimento do presente, em troca das saudades que lhes levamos...

Quantos romeiros do passado ha ainda em Lisboa! Sofregos das obras d'arte que herdaram ou colleccionaram, guardam com amor e com carinho as preciosidades que restam de tantas que houve no nosso Portugal.

Deliciosas lendas do seu Paço nos conta o Conde de Bertiandos, essa figura veneranda de português de lei, exemplo de nobreza de sangue e de caracter, romeiro do passado que, nas antiguidades dos seus palacios, póde reviver outras eras de felicidade!

Abrem-se-nos portas de palacios, de casas antigas, onde os romeiros guardam os seus thesouros que nos vão mostrar...

Entremos n'uma casa antiga que o terramoto deixou de pé, numa triste e socegada rua. Depois de uma Ave-Maria á Nossa Senhora de azulejos, que á entrada véla pela felicidade da casa, vamos viver outras épocas no meio de todas as bellas coisas que os seculos nos deixaram.

O mais requintado bom gosto na disposição confortavel e artistica d'aquelle conjuncto; gravuras assignadas pelos grandes mestres, louças preciosas, moveis riquissimos, quadros de museu, no meio de damascos e de sedas, de tapetes da Persia e estofos d'Aubuisson.

Mil pequeninos nadas, adoraveis de fragilidade e de riqueza, figurinhas de Saxe, grupos de *biscuit* de Sèvres, esmaltes e pedrarias d'outros tempos.

Miniaturas de La Tour, *bonbonnières* de prata cinzelada sobre moveisinhos de pau santo como brinquedos preciosos para com elles brincarem mãos de artistas.

E um artista é Alfredo Guimarães, o dono d'esta casa, que, caminhando pelo passado dentro, pôde conseguir d'elle tirar tanta coisa bella para enfeitar o seu ninho, amaciando n'esta atmosphera de belleza as asperezas que a vida para todos tem!...

... Abre-se agora um palacio antigo, historico, cheio de recordações e de lendas. Grande escadaria, onde parece que vão passar as figurinhas das sécias emplumadas. Vestibulo em que parece que ellas deixarão as capas forradas de arminhos antes de entrarem para a grande sala de tectos apainelados, onde se vae passar o serão,

em jogos de prendas, modinhas ao cravo e ditos alambicados dos peraltas.

É morador d'esse palacio um romeiro do passado... O conde de Sabugosa!

Artista requintado e erudito, escriptor querido dos *Novos*, como o foi dos... do seu tempo, porque sempre novo é o seu espirito, sempre nova a sua maneira elegante de nos contar as velhas coisas que o passado lhe contou.

Acompanhae-o na sua romaria, *gentes d'algo*... e *donas de tempos idos* que foram princezas, freiras, fidalgas ou burguezas perdidas pela Historia!

Que todas essas figurinhas de mulher, enlevo da nossa terra e das nossas gentes, quer tivessem vestido os brocados e os damascos ricos, o grosseiro burel dos habitos ou as lãs finas das burguezas, formem alas para que passe esse romeiro que á Historia as foi buscar!

Figuras mortas que lhe deveis a vida, levantae-vos dos tumulos brazonados, apontae-lhe com os vossos dedos finos constellados de anneis de pedrarias o caminho do Passado, que elle tanto ama para que eternamente possam viver na nossa lembrança!...

Affastada da cidade, no socego de uma rua provinciana e calma, lá está a casa de um outro romeiro do Passado.

Casa pequenina e antiga, onde mal cabem as duas grandes almas que lá moram, uma de um vivo, outra de um morto! Almas de dois grandes portugueses: Os dois viscondes de Castilho!

Ali vivem essas almas unidas no mesmo amor, na mesma comprehensão que as ligou em vida, e o grande culto que o filho dedicou ao pae é recompensado e agradecido por Elle, n'aquelle sorriso cheio de bondade e de ternura e n'aquelle *olhar sem ver*, que como uma caricia viva e envolvente, cahem do grande retrato sobre o Filho, quando, á sua meza de trabalho, pede ao Pae que o ajude.

Sente-se creança ao pé d'aquella grande memoria, sem se lembrar quasi que sobre a sua cabeça se accumularam as neves dos annos, juntando-se com a erudição e o saber!

Cada livro, cada quadro, cada bibelot, fallam do Pae, e sentindo-o ali tão vivo na sua lembrança, o solitario do Lumiar não se sente só!

Vamos pedir-lhe agora para folhear comnosco os seus grandes albuns, onde soffregamente guardou para a velhice a sua mocidade. Que elle nos guie pela sua Lisboa antiga, onde as caleças e as seges batem ruidosamente nas calçadas, até seguirmos pelos arredores, até á

quinta de Carnide, de pomares e hortas verdejantes, onde começaram os amores de Vieira Luzitano! Que elle nos mostre as mil recordações da sua vida mundana de elegante, os seus encantadores desenhos á penna, que fixaram pela vida fóra as suas impressões.

Salas de S. Vicente, recepções no *faubourg*, janellas ou portões de quintas senhoriaes, silhouettes esfumadas pelo tempo, perfis perdidos pelos annos, tudo vae passando ao folhear febril dos grandes albuns, e as coisas que passaram lhe acodem á memoria n'uma saudade doce e querida!

Para que viemos aqui lembrar tanta coisa, perturbar o socego espiritual do solitario, distrahil-o com este ramo de saudades sobre a mesa em que trabalhava!

Vamos sahir d'esta casa devagarinho, sem que os nossos passos se oiçam, para que as duas almas que n'esta casa moram, não sejam perturbadas pela lama do presente...

Grande português, grande sabio, grande homem de bem! *Chevalier sans peur et sans reproche*, deitae a vossa benção aos que querem seguir atraz de vós, na poeira dos seculos, a romaria do Passado!

ALFAMA

Quem haverá na Lisboa elegante e *smart*, que ás 5 horas faz compras na Baixa, e que vae todos os dias tomar chá ao Bénard, ao *Rendez-vous* e ao Marques, que pense que, para lá da Rua do Ouro, do Rocio, da Avenida, ha uma Lisboa tão differente, tão antiga, tão interessante e tão desconhecida?

Alfama! Nome que lembra moiras encantadas, rixas de fidalgos nas viellas estreitas em que as espadas faiscavam no escuro da noite, aventuras galantes do senhor D. João V, romances de amor nos palacios fidalgos, onde as fidalgas gentis vinham á tarde para os terraços sonhar, olhando o Tejo, e vozes tristes de fadistas cantando no fado triste o seu triste fado!

Alfama tudo lembra, tudo evoca! Épocas que passaram, riquezas que se perderam, miserias que não se acabam!

Lisboetas elegantes, que vistes decerto os bairros excentricos de Londres, que em Paris na *tournée des grands-ducs*, ceastes no *Caveau des*

Innocents, para que um arrepiosinho de mêdo vos fizesse estremecer os hombros nús do vestido decotado; que em Sevilha fostes vêr dançar as sevilhanas a alguma *fonda* de Triana, no intervallo das complicadas provas da *Gandon* ou da *Martin* n'um dia de sol e céu azul, ide vêr Alfama, ide impregnar-vos d'um pouco do passado, ide relembrar tempos que não voltam, ide vêr como dos terraços d'aquelles velhos palacios, o Tejo é mais lindo, mais azul, mais português!

Nas nesgas do Tejo que apparecem entre as muralhas velhas da cidade, aquellas muralhas sobre as quaes se debruçaram portugueses valentes dos tempos idos, podereis evocar as caravellas com a Cruz de Christo a destacar-se vermelha, nas vélas cheias, a partirem para a India, que tudo isso as muralhas viram...

Na rua das Damas, a rua estreita, mal calçada, onde as séges batiam com barulho de ferragens velhas, evocareis as damas da Rainha que ali moravam, sahindo nas andas a caminho do Paço.

Na janella baixa de grades partidas, no muro de um quintal abandonado e triste, evocareis o romance de amor de D. João V, quando elle, por noite negra, embuçado n'uma capa, vinha fallar a uma linda burguezinha, que ás es-

condidas doutro namorado, á janella lhe apparecia. E d'essa aventura, em que D. João V ia perdendo a vida na espada traiçoeira do namorado da linda burguezinha, se levantaram os marmores, os quadros, os bronzes da rica egreja do menino Deus, como promessa do Rei, n'aquella hora em que, na rixa da viella, vira a morte de tão perto, promessa a um menino Jesus de uma velhinha que alli morava e ao qual o Rei ao passar rezava sempre...

Debruçando-vos n'um muro d'um quintal velho e mal tratado, vereis ainda uma meza de pedra, onde o cardeal D. Henrique, por tardes de verão, vinha merendar, e o degrau onde subia para montar a sua mula branca...

Não deixeis de rezar no Pateo de D. Fradique áquelle Christo cruxificado que ha tantos seculos a tantas amarguras tem acudido, que tantos segredos tem ouvido, que tantas lágrimas tem visto, que tantos amores tem abençoado, na sua capelinha aerea como uma ponte de Veneza, onde arde dia e noite uma lampada de azeite.

Devereis ir ao palacio do Salvador, esse interessantissimo palacio onde podereis evocar as cadeirinhas perfumadas de almiscar enchendo o pateo da entrada, o «frou-frou» das sedas roçagantes das elegantes d'outros tempos, de gran-

des toucados, a balburdia e a alegria das festas na galeria, nas grandes salas, e nos jardins cheios de catos muito velhos, que, enroscados como serpentes, dormem ha seculos, exquisitos e extranhos!

Nos alegretes de cravos e *reseda*, respirae todo o perfume do passado que elle guardou para sempre! E que um sorriso e uma lembrança vossa sejam para o lindo retrato do Conde dos Arcos, da sala de entrada, tão interessante figura de fidalgo português, morto n'aquelle dia tragico da ultima tourada em Salvaterra, em que o abrasado sol do Ribatejo doirava as lezirias resequidas, as casas brancas e o seu sangue leal de cavalleiro...

Podereis ainda, no palacio de Santo Estevam, ver do terraço os tons deliciosos das montanhas da Outra Banda ao cahir da tarde, e o contraste sinistro da miseria, que vive na tristeza abafada e escura das ruas estreitas, embandeiradas de roupa, onde brincam bandos de creanças descalças e pobres como moirasinhas de Tanger... E quando o velho relogio de espelho da sala de azulejos, que marcou a hora do grande terramoto, der as sete, quando ao longe os sinos tocarem as Avé-Marias, e com as primeiras luzes que se accendem se começarem a

ouvir as primeiras guitarras, no fado triste, de quem tem triste o fado, sentireis bem toda a alma portuguesa da velha Alfama, feita das épocas que passaram, das riquezas que se perderam, das miserias que não se acabam . . .

INDICE

INDICE

Os Pateos 7
Os Guarda-roupas 17
Os Garotos 25
Casas de Penhores. 33
As Bruxas 39
Os Pobres 45
As Docas 51
A Procissão de Santos 59
Os Romeiros do Passado 65
Alfama 73

1917

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 09 14 18 01 003 3